

EMBAIXADA DO BRASIL EM LONDRES

RELATÓRIO DE GESTÃO

EMBAIXADOR EDUARDO DOS SANTOS

Transmito meu relatório de gestão na Embaixada em Londres (2015-2018). Avalio os temas principais que tiveram impacto no trabalho do posto, entre os quais, e sobretudo, o Brexit, e sintetizo as ações mais importantes desenvolvidas no relacionamento bilateral durante o período.

Introdução

Quando assumi a embaixada em Londres, no dia 3 de setembro de 2015, o relacionamento Brasil-Reino Unido evoluía de modo positivo a partir de iniciativas que reforçavam a prioridade que ambos os governos lhe atribuem. Havia sido instituído, anos antes, um mecanismo de consultas políticas no nível de chanceler, denominado Diálogo Estratégico, que já tinha realizado quatro reuniões. Além disso, ganhava relevância o programa Ciência sem Fronteiras no campo da cooperação educacional. Aumentava a convergência entre os dois países em torno de temas da agenda multilateral, como reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas, mudança climática e desenvolvimento sustentável, e, sobretudo, intensificavam-se os negócios na área de petróleo e gás com a ampliação da presença de empresas britânicas nas atividades de exploração no Brasil, sobretudo no pré-sal.

2. Alguns fatos, porém, tiveram impacto e desdobramentos especiais ao longo do período em que me coube a chefia do posto.

Conjuntura

3. Em maio de 2015, o Partido Conservador havia vencido eleições gerais sob a liderança do primeiro-ministro David Cameron, que obteve maioria própria na Câmara

dos Comuns, encerrando o ciclo de governo de coalizão com os liberais democratas que perdurou no quinquênio anterior. No Brasil, a recessão econômica, àquela altura já diagnosticada, causava apreensões nos meios políticos e financeiros do Reino Unido, suscitando incertezas quanto aos esforços dos dois governos com vistas à expansão do comércio e dos investimentos. Subsequentemente, esse pano de fundo seria agravado pela crise do "impeachment", cujo processo teve início horas antes da entrega de minhas cartas credenciais à Rainha Elizabeth II, no dia 3 de dezembro.

4. Ao mesmo tempo, as expectativas em torno dos preparativos dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos que se realizaram em 2016 no Rio de Janeiro repercutiram intensamente na mídia britânica e, especialmente, no diálogo bilateral. Por ter sido Londres a sede da edição anterior dos Jogos, em 2012, as Olimpíadas do Rio transformaram-se em questão prioritária nas nossas relações com o Reino Unido, tendo gerado importante cooperação e troca de experiências entre as autoridades dos dois países e com os próprios organizadores. Ligada a esse tema, a epidemia do vírus da Zika que eclodiu no verão de 2015 e 2016 motivou preocupações no governo britânico. Não foram poucas as vezes em que fui demandado pelas autoridades locais, além da imprensa, a confirmar ou esclarecer informações sobre as medidas de segurança e controle sanitário adotadas pelo governo brasileiro, bem como sobre o andamento das obras necessárias à realização dos Jogos.

Impacto do Brexit

5. O que, entretanto, mais fortemente marcou o período de minha gestão em Londres foi o referendum de 23 de junho de 2016 sobre a União Europeia, cujos efeitos viriam a incidir não só sobre a política interna e externa do Reino Unido - e, em certa medida, sobre o relacionamento com o Brasil - mas também sobre o futuro imediato do país e as perspectivas de sua economia.

6. O Brexit, como ficou consagrada a fórmula alusiva à proposta de desligamento do país da União Europeia, foi consequência de um debate interno que se arrastava desde os anos setenta, quando o Reino Unido, como resultado igualmente de uma decisão plebiscitária, havia aderido ao projeto franco-alemão da integração europeia. Mas além de sócio tardio, Londres sempre se mostrou parceiro relutante desse projeto, tendo optado por ficar fora da zona do euro e do espaço Schengen. Pouco a pouco, sobretudo a partir do final da era Thatcher, o tema tornou-se central na agenda política do país, provocando sérias dissensões particularmente no âmbito do Partido Conservador.

7. A chamada ala eurocética dos conservadores se havia fortalecido em grande medida na fase imediatamente anterior às eleições gerais de 2015. Para lograr o apoio desse setor, o primeiro-ministro Cameron assumiu o compromisso de convocar um referendum até 2017 para efeito de decidir se o país permaneceria na União Europeia ou se sairia dela. O embate entre as duas propostas ("remain" ou "leave") passou então a dominar a vida do país e levou o chefe do governo a tentar superar rapidamente o impasse, antecipando, em um ano, a data da consulta popular. Sofreu, porém, sério e, até certo ponto, surpreendente revés com a vitória, por estreita margem, da opção de retirada do bloco europeu. Com isso, viu-se forçado a renunciar, substituído por Theresa May, que ocupava no gabinete a função de secretária do interior. Fatores inesperados, como a crise da imigração na Europa e o fluxo de refugiados oriundos do Oriente Médio e do norte da África, influíram diretamente no resultado da votação.

8. Configurava-se, assim, uma situação de crise política interna, entrelaçada com o que talvez seja o maior abalo na relação do país com a Europa desde a Segunda Guerra Mundial e o maior estremecimento no projeto europeu. O problema recrudesceu ainda mais quando a nova líder, de forma a reafirmar sua legitimidade e, também, procurar reforçar sua capacidade de negociação no processo de desligamento da UE, decidiu convocar novas eleições gerais em 8 de junho de 2017. O tiro saiu pela culatra, e os

conservadores perderam a maioria que detinham no Parlamento. Theresa May passou a depender do apoio da bancada de um partido de origem protestante e unionista da Irlanda do Norte e, desde então, tem sido alvo de ameaças à sua liderança.

9. O Brexit colocou a política britânica no centro das atenções internacionais. Foi, de alguma maneira, um fenômeno que reflete novas tendências desagregadoras no mundo, de natureza nacionalista, anti-imigratória e protecionista, como ocorreu, em certa extensão, na eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e também na disputa presidencial francesa de 2016 e agora, mais recentemente (março de 2018), por ocasião da eleição geral na Itália. Impuseram-se, assim, desafios que vão além do relacionamento do Reino Unido com a Europa.

10. Quanto ao possível impacto negativo em relação à economia britânica, começam a ser divulgadas análises que apontam redução das taxas de crescimento em praticamente todas as regiões do país, considerados quaisquer cenários pós-Brexit, além dos riscos de transferência de empresas da City de Londres para outras capitais europeias. Além disso, o Brexit foi percebido como ameaça à própria integridade do país, já que na Escócia e na Irlanda do Norte prevaleceu a opção pelo "remain". O Partido Nacional Escocês desejaria repetir o referendum de 2014 sobre a permanência da Escócia no Reino Unido. Na Irlanda do Norte, a depender do futuro arranjo referente à fronteira com a República da Irlanda, poderiam ressurgir tensões entre unionistas e nacionalistas, a prejudicar a pacificação promovida desde 1998 com os Acordos da Sexta Feira Santa.

11. Um dos possíveis danos que se pode perceber nesse processo inusitado, sem precedente, consiste na fratura da sociedade britânica. Um país que tradicionalmente primou pela política de consenso, pelo pragmatismo e pela flexibilidade de seu sistema jurídico optou pelo rompimento com a UE em um referendum grandemente influenciado por questões de conveniência partidária. Hoje, tanto o Partido

Conservador quanto o Partido Trabalhista encontram-se divididos. Após hesitações, o líder trabalhista Jeremy Corbyn há pouco passou a admitir apoio a uma saída que mantenha o país em uma união aduaneira com a UE27. A ala mais radical dos conservadores considera, por sua vez, a participação no mercado único e na união aduaneira como uma "red line".

12. Nota-se, em parte do funcionalismo público, entre formadores de opinião e na comunidade acadêmica, apesar do resultado do referendum de 2016, postura claramente contrária à saída da União Europeia, e aqueles que se mantêm fiéis ao objetivo de permanência na UE, embora advoguem a necessidade de um segundo referendum, aspirando a reverter o Brexit, desejam que o país mantenha formas de acesso ao mercado único europeu ou, ao menos, continue a participar da união aduaneira.

Negociação com a UE27

13. No momento em que escrevo este relatório, persiste indefinição sobre o desenlace das tratativas lançadas em março de 2017 com a invocação do artigo 50 do Tratado de Lisboa. Numa primeira fase, as partes dedicaram-se a negociar as três questões preliminares que deveriam ser encaminhadas antes de abordarem a separação propriamente dita. Essas questões referem-se aos direitos dos cidadãos europeus que vivem ou trabalham no Reino Unido, e dos britânicos, na União Europeia; ao ajuste financeiro que o país terá de assumir com seu desligamento do bloco; e à fronteira da Irlanda do Norte com a República da Irlanda. Havendo as partes alcançado progresso suficiente em torno desses temas em dezembro do ano passado, o que estará de todo modo sujeito à regra do "single undertaking" ao final das tratativas, teve início a etapa talvez mais delicada da negociação sobre a retirada, qual seja a que visa a acertar o tipo de relação que o Reino Unido passará a manter com a UE27. Tudo se resume a definir como se resolverá o dilema "soft" ou "hard" Brexit, isto é, se haverá ou não uma saída que preserve acesso ao mercado único e participação na união aduaneira, sem falar no risco de

um "cliff edge", ou seja, a hipótese de não se chegar a entendimento algum entre as partes.

14. O resultado da negociação dependerá, ainda, das condições a serem estabelecidas para o período de transição - ou, como preferem os britânicos, de implementação - que se seguirá à data de ruptura dos laços com a União Europeia, qual seja, 29 de março de 2019. Restará ver se o projeto "global Britain" destinado a substituir a parceria com o bloco comunitário redundará, de fato, na liberdade de concluir acordos comerciais com terceiros países, e em que medida o Reino Unido recuperará sua autonomia normativa e regulatória em relação à União Europeia. Muitas são as implicações do que vier a ser decidido. Desde o discurso da primeira-ministra May em Lancaster House, em janeiro de 2017, ficou patente que o Reino Unido dá prioridade a retomar o controle da política migratória, a retirar-se da jurisdição da Corte Europeia de Justiça e a romper com o que considera uma camisa de força na política comercial. Ao mesmo tempo, o governo May tem sinalizado que procurará preservar com a UE27 os vínculos mais desimpedidos possíveis, sem maiores entraves, nas áreas do comércio, das finanças e dos serviços. Isto equivaleria, na visão de muitos, ao melhor dos dois mundos, isto é, a visão soberanista que inspira o Brexit associada a um pragmatismo individualista que não se coadunaria com os propósitos da integração. Os europeus têm considerado os objetivos britânicos como "cherry-picking", ou seja, o desejo de conjugar benefícios da participação na União Europeia com vantagens de estar fora do bloco.

"Global Britain" e o Brasil

15. Para o Brasil, importará saber se um acordo de livre comércio Mercosul-Reino Unido encontrará viabilidade. Temos sido, desde o primeiro momento, citados como parceiro relevante de uma "global Britain", juntamente a outros países emergentes. Nossa prioridade imediata, porém, reside na conclusão das negociações entre o Mercosul e a União Europeia com

vistas a um acordo abrangente, ambicioso e equilibrado. Sempre encontramos no Reino Unido, enquanto membro da UE, um sócio disposto a apoiar esse objetivo, comprometido com o livre comércio e capaz de ajudar a vencer as barreiras do protecionismo agrícola europeu. Foi nesse espírito que nos empenhamos em Londres, como nas demais capitais da UE, em realizar gestões junto ao governo e ao setor privado, a fim de reforçar os interesses do bloco sul-americano na tentativa de levar as negociações com Bruxelas a bom termo. Agora que o Brexit avança em sua etapa decisiva, o tema do acordo Mercosul-UE começa a sair de pauta no nosso relacionamento bilateral com Londres. O importante, daqui para frente, será avaliar as possibilidades de virmos a replicar ou melhorar os termos de um eventual acordo Mercosul-UE em uma futura negociação com o Reino Unido.

Diálogos Brasil-Reino Unido

16. Na promoção dos interesses do Brasil junto ao Reino Unido, não deixa de haver, portanto, um elemento de imprevisibilidade em função do imperativo de adaptação às novas condições que resultarão da negociação do Brexit, bem como do aproveitamento das oportunidades daí decorrentes. Por exemplo, as duas chancelarias já se dedicam a levantar os acordos em vigor entre o Brasil e a União Europeia que, com a retirada britânica, precisam ser revalidados como parte do arcabouço jurídico do nosso relacionamento bilateral com o Reino Unido. Outra implicação é a realização de consultas na Organização Mundial do Comércio acerca da redistribuição das quotas tarifárias de produtos agrícolas concedidas pela União Europeia.

17. A partir do Brexit, o diálogo político entre o Brasil e o Reino Unido passou a adquirir importância especial, como demonstrado no encontro que o chanceler Aloysio Nunes Ferreira manteve em Londres em agosto de 2017 com seu homólogo Boris Johnson. Ali discutiu-se uma agenda concentrada de temas relevantes como o apoio britânico à acessão do Brasil à OCDE, a situação na Venezuela, aspectos ligados à questão das Malvinas, as perspectivas de acordo comercial

Mercosul-Reino Unido, a proposta de um ciclo de atividades conjuntas na área de ciência e inovação e a preparação da próxima reunião do Diálogo Estratégico a realizar-se por ocasião de visita do Foreign Secretary ao Brasil, ainda pendente.

18. Outros mecanismos de diálogo institucionalizado entre os dois governos puderam, por sua vez, manter-se ativos no período de minha missão em Londres. É o caso do Diálogo Econômico-Financeiro, que trouxe à capital britânica em 2015 o então ministro Joaquim Levy, e a Brasília, em 2017, o chanceler do erário Philip Hammond. O ministro Henrique Meirelles visitou Londres em duas oportunidades, a primeira em outubro de 2017 e a segunda em janeiro de 2018, a fim de manter encontros com investidores e o titular do Tesouro. Do mesmo espírito de proximidade de contatos entre os governos brasileiro e britânico fez parte a regularidade observada nas reuniões da Comissão Conjunta Econômica e Comercial (JETCO, na sigla em inglês), coordenada, no lado brasileiro, pelo MDIC e, no lado britânico, pelo Departamento de Comércio Internacional. Em 2015 veio a Londres o então titular daquela pasta, ministro Armando Monteiro, e, em 2016, foi a Brasília o ministro Liam Fox. A próxima reunião do JETCO está prevista para 28 de março de 2018 na capital britânica. Em outubro de 2017, realizou-se em Londres a segunda reunião do diálogo sobre a parceria para o desenvolvimento global, tendo chefiado a delegação brasileira o diretor da ABC.

19. Em fevereiro de 2018, o Permanent Undersecretary of State do Foreign Office esteve em Brasília para conversações com o Secretário-Geral. Na ocasião, em seguimento ao que havia sido proposto no encontro entre os dois chanceleres no final de agosto, foi acordada a realização, em 2018-2019, do Ano Brasil-Reino Unido de Ciência e Inovação.

Comércio e investimentos

20. No plano do comércio e dos investimentos, as relações brasileiro-britânicas continuaram a gerar

resultados que se situam ainda distantes do seu potencial. O Reino Unido ocupa a 14^a posição na lista dos principais parceiros comerciais do Brasil, com transações que somaram 5,138 bilhões de dólares em 2016. O intercâmbio aumentou para 5,148 bilhões em 2017, com o que se interrompeu um ciclo de queda continuada ao longo dos cinco anos anteriores. Isto evidencia a importância das atividades de promoção comercial em que se tem engajado a embaixada. Os desafios à frente, com vistas à retomada sustentável do crescimento das trocas bilaterais, compreendem a diversificação das exportações do Brasil e, principalmente, campanhas para apresentar sistematicamente a operadores e formadores de opinião os avanços da economia, do parque industrial e da capacidade do agronegócio brasileiro. Uma série de seminários e mesas-redondas foi realizada com esse objetivo pela embaixada, com apoio da APEX e de organizações locais como a Câmara de Comércio Brasileira na Grã-Bretanha. Empreendeu-se idêntico esforço na área de atração de investimentos, sobretudo com o propósito de divulgar o programa de leilões relativo a obras de infraestrutura e no setor de petróleo e gás. Em 2017, o fluxo de investimentos britânicos para o Brasil foi de 1,171 bilhão de dólares, o que fez do Reino Unido o 12º maior investidor estrangeiro direto naquele ano.

Diplomacia pública

21. Não apenas na área de comércio, economia e finanças acentuou-se o trabalho do posto como instrumento de diplomacia pública. Esse perfil bem se destaca na agenda dos temas globais. A embaixada pôde manter uma estratégia abrangente e de longo prazo baseada no objetivo do estreitamento das relações bilaterais e no esforço de divulgação das políticas brasileiras domésticas e multilaterais em matéria de meio ambiente. Foram, assim, conduzidas ações prioritárias junto ao governo britânico, à City de Londres e a organizações da sociedade civil com vistas, por exemplo, à participação do Reino Unido no Fundo Amazônia, à promoção da sustentabilidade da agricultura brasileira e a projetos de "financiamento

verde". Ênfase especial foi colocada na comunicação de dados sobre a redução do desmatamento na Amazônia e no Cerrado, tema que desperta atenções crescentes no Reino Unido e que foi objeto de reunião da qual participei, em outubro de 2017, com presença de empresários da cadeia do agronegócio, sob a presidência do Príncipe de Gales.

22. Dediquei atenção particular à interação do posto com instituições acadêmicas do Reino Unido, tendo em vista ser este país um parceiro tradicional na área de pesquisa, ciência e inovação, segundo destino dos bolsistas do Programa Ciência sem Fronteiras, com mais de 10 mil estudantes brasileiros em cursos de graduação e pós-graduação em universidades britânicas. A embaixada apoiou uma série de iniciativas desenvolvidas com recursos de fundos britânicos, como o "Prosperity Fund" e o "Newton Fund". Com o mesmo objetivo foram estreitados os contatos do posto com estudantes e pesquisadores brasileiros. Tanto quanto me foi possível, visitei universidades e centros de pesquisa em Londres, Oxford, Cambridge, Glasgow, Birmingham e Southampton. Permanente respaldo foi dado às atividades do King's College London, onde funciona o "Brazil Institute", a única instituição acadêmica hoje no Reino Unido dedicada exclusivamente a estudos brasileiros.

23. Compareci, nos últimos dois anos, aos encontros denominados "Brazil-UK Conversa", para os quais são convidados representantes de governo, academia e sociedade civil de um e outro país. Nas conferências sobre o Brasil organizadas por pesquisadores da Universidade de Oxford e da London School of Economics, que contaram também com o apoio da embaixada, sobressaiu a participação de importantes autoridades brasileiras do mundo político, parlamentar, jurídico, empresarial e da imprensa. Em duas ocasiões, em 2015 e 2017, estive em Aberdeen, na Escócia, para falar em seminário sobre petróleo e gás. Especial repercussão tiveram, por outro lado, os jantares de gala promovidos anualmente pela Câmara de Comércio Brasileira na Grã-Bretanha, com presença de autoridades e líderes empresariais dos dois países aos

quais se confere o título de Personalidade do Ano. No período de minha missão, foram homenageados nesses eventos os executivos das empresas Grendene e Pearson, em 2016, e Shell e Petrobrás, em 2017.

24. No que diz respeito à imprensa, coube-me, em mais de uma oportunidade, dar entrevistas à rádio BBC sobre a situação no Brasil e a organização das Olimpíadas, bem como obter espaço no jornal The Guardian para reagir a manifestações distorcidas de setores britânicos, ligados ao Parlamento e aos sindicatos, acerca da política brasileira. Publiquei artigos no The Daily Telegraph sobre as perspectivas da relação comercial entre o Brasil e o Reino Unido no contexto do Brexit, e no Evening Standard a respeito das Olimpíadas. Pude, igualmente, visitar órgãos importantes da mídia britânica como o Financial Times. Uma das providências adotadas pelo posto nessa área foi a intensificação do uso das redes sociais.

25. Uma das prioridades do posto nos anos 2015 e 2016 foi a realização de iniciativas e eventos ligados aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio de Janeiro. Por instruções da SERE, e com apoio de alguns dos patrocinadores oficiais dos Jogos, a embaixada promoveu a iluminação da London Eye com as cores da bandeira brasileira para marcar a contagem regressiva de 100 dias da cerimônia de abertura. Também logrou divulgar filmes com imagens do Brasil em letreiros de Picadilly Circus e em telas de outras cidades britânicas. Em maio de 2016, o ministro do esporte, Leonardo Picciani, visitou Londres para informar as autoridades locais e a imprensa a respeito da preparação dos Jogos.

A exposição "The Art of Diplomacy"

26. A área cultural, por sua vez, foi uma das que mais empenho e dedicação exigiu da chefia do posto e da sua equipe de colaboradores, com a preparação da exposição "Art of Diplomacy: Brazilian Modernism Painted for War", a ser inaugurada em 5 de abril de 2018. Será este um evento comemorativo da primeira exposição de

arte brasileira que se realizou em Londres, em 1944, em plena Segunda Guerra Mundial. Celebrar, nos dias de hoje, o gesto dos pintores modernistas que doaram seus quadros em proveito do Fundo Beneficente da Royal Air Force, em solidariedade e apoio aos esforços de guerra dos aliados, no mesmo momento em que enviamos a Força Expedicionária Brasileira à Itália, reforça o simbolismo da aproximação entre o Brasil e o Reino Unido por meio de uma iniciativa de inegável valor diplomático, cultural e histórico. Agradeço o significativo respaldo recebido da Secretaria de Estado para a organização da exposição, complementado com recursos que a embaixada conseguiu levantar junto ao setor privado. Alimento, por isso, a expectativa de que a exposição "Art of Diplomacy" venha a representar um marco nas atividades de promoção cultural da embaixada em Londres. Tive a oportunidade de mencionar o assunto pessoalmente à Rainha Elizabeth II durante jantar no Castelo de Windsor, com grupo restrito de pessoas, para o qual fui convidado em abril de 2017.

27. O realce que a embaixada procurou dar à exposição "Art of Diplomacy" faz parte da constatação da importância que tem o Reino Unido como centro global formador de opinião e irradiação de cultura e conhecimento. Daí a prioridade que as atividades de promoção cultural e de divulgação da realidade brasileira adquirem normalmente no programa de trabalho do posto. Muitos desses eventos, como no caso do "Brazil Day" realizado na Trafalgar Square, bem como o "Think Brazil", este copatrocinado pela embaixada britânica em Brasília, foram coordenados com as áreas de promoção comercial, investimentos, turismo, cooperação esportiva e imprensa, de forma a potencializar seus resultados para a imagem do país e benefício das relações bilaterais.

Evolução recente

28. Ao iniciar o ano de 2018, o relacionamento bilateral vê-se influenciado positivamente pela recuperação da economia brasileira. O comércio, que vinha caindo nos cinco anos anteriores, voltou a ter

crescimento, ainda que pequeno, ao final de 2017, e mesmo antes foram anunciados novos investimentos britânicos no Brasil, como da Shell e da Jaguar Land Rover, e brasileiros no Reino Unido, como da Natura, que adquiriu a Body Shop. Retomaram-se, por outro lado, contatos entre os dois governos sobre a possibilidade de conclusão de acordo para evitar dupla tributação, bem como passou-se a examinar oportunidades nas áreas de mercado de capitais e seguro e resseguro. Em fevereiro de 2018, foi assinado um memorandum de entendimento entre o BNDES e o UK Export Finance sobre cooperação em matéria de créditos para exportação.

29. De grande relevância para o adensamento dos laços entre os dois países foi a assinatura do contrato de aquisição, pela Marinha do Brasil, do porta-helicópteros HMS Ocean, nau capitânea da Royal Navy. Esse ato, ao qual compareci na base naval de Plymouth, em fevereiro de 2018, contribuiu para reforçar a cooperação bilateral na área de defesa.

30. No que se refere à questão das Malvinas, merece menção a iniciativa com vistas ao estabelecimento de ligação aérea privada entre as ilhas e o continente. Em fevereiro de 2018, foi submetida proposta conjunta argentino-britânica ao Brasil e outros países sul-americanos.

Considerações finais

31. Comento que o trabalho de informação política na embaixada permaneceu particularmente intenso, com a cobertura dos principais temas da agenda internacional. Foram valiosos, para tanto, os contatos fluidos e permanentes com o Foreign Office, o Parlamento e os tradicionais "think-tanks" sediados no Reino Unido. Além do Brexit e das Malvinas, a situação na Síria, a luta contra o estado islâmico, o conflito entre Israel e Palestina, as relações com Rússia e China, a "special relationship" com os Estados Unidos, os ataques terroristas no Reino Unido, o programa nuclear do Irã, a crise na região do Golfo e na

península coreana, a guerra civil no Iêmen, o problema da Venezuela e o caso Assange foram alguns dos assuntos cotidianamente reportados.

32. Merece registro, nesse contexto, a maior aproximação efetuada entre as áreas de planejamento diplomático das duas chancelarias. De igual importância foi a colaboração estabelecida entre a FUNAG e o Wilton Park, além da experiência adquirida com estágio de diplomata da embaixada na área de gestão administrativa e de recursos humanos do Foreign Office. No que tange especificamente ao gerenciamento administrativo do posto, cabe-me registrar as metas alcançadas na racionalização das práticas de trabalho e redução das despesas no âmbito da política de austeridade, tal como determinada por Vossa Excelênciia no período mais crítico da recessão brasileira, em que os serviços públicos se viram particularmente afetados.

33. Não poderia deixar de dedicar uma palavra, neste relatório, à qualidade da equipe de profissionais que me acompanhou no posto. Aqui encontrei servidores extremamente dedicados e competentes que souberam desincumbir-se com maestria de suas atribuições e que puderam colaborar comigo do modo mais eficiente. Sou, por isso, imensamente grato aos ministros-conselheiros, Ana Maria Bierrenbach e Sidney Leon Romeiro, a todos os diplomatas, adidos, funcionários do quadro e contratados locais que serviram em Londres durante a minha missão. A Vossa Excelênciia, ao Secretário-Geral, aos Subsecretários e demais chefias na Secretaria de Estado, manifesto igualmente meu reconhecimento pelo apoio e orientação que me permitiram conduzir o trabalho da embaixada em um momento singular da política britânica e de responsabilidades acrescidas nas relações bilaterais.

Eduardo dos Santos, Embaixador

Londres, 14 de março de 2018.